

# ROMANCE POR contrato

"O casamento duraria o período necessário para que ele recebesse a herança".

"iríamos nos separar, assim que ele estivesse de posse do dinheiro."

"O casamento seria em separação total de bens."

"Eu abria mão de tudo que não estivesse naquele acordo"

"Ele me daria dez por cento de sua herança."

"Uma casa aonde eu quisesse"

"Uma pensão para o resto da minha vida."

"Todas as joias e presentes que eu recebesse durante o casamento seriam meus."

"Não haveria traição de nenhuma das partes".

"Esse acordo era confidencial."

"Eu teria um valor todos os meses, no período em que estivéssemos casados, para meus gastos pessoais."

# Resumo

Ana não é tipo de mulher que sonha com romance tipo contos de fadas, sempre teve consciência de isso não existia e tinha que se dedicar integralmente a sua mãe doente e ao trabalho, mas depois de um acidente de carro em que conhece Marcelo, percebeu que algo nele, tinha mexido com ela. Apesar da atração muito forte que sentia esse não era o momento e nem ele era o homem certo.

Marcelo é bem-sucedido nos negócios, e trata tudo na vida como uma grande negociação. É egoísta e arrogante. Depois de alguns encontros ele decide propor um acordo de casamento. Ana fingiria ser, a sua namorada, e posteriormente, se casar e em troca ele cuidaria de sua mãe. Ele vai ser capaz de fazer qualquer coisa para que Ana aceite. Só que nem tudo saiu como planejado entre os dois. A mentira começa a se tornar real depois da primeira noite de sexo. Será que ambos estão preparados, para viver de verdade esse romance?

# Capítulo um

Aquela semana estava uma loucura no escritório. Apesar de eu ser uma das secretárias da diretoria, eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

Havia muitos boatos pelos corredores, mas nada de concreto. O meu chefe, o Seu Guilherme, um homem alto, meio grisalho, de expressões fortes, que com certeza sabia o que estava acontecendo, nada me dizia.

Já passava das cinco da tarde, quando meu telefone tocou, era meu chefe pedindo que eu reunisse todos os funcionários no pátio, pois tínhamos uma reunião em dez minutos. Pelo tom de sua voz, ficou claro que o problema era mais sério do que qualquer um poderia supor.

Dez minutos mais tarde, estávamos todos no pátio da fábrica, falando ao mesmo tempo, querendo respostas. O Seu César Augusto, o diretor geral da filial, pegou o microfone e pediu um minuto de silêncio. O Seu. César era um homem baixinho, magrinho, que me lembrava da Olívia palito. Não sei bem a razão. Ele era muito inteligente e hábil com as palavras.

Vou direto ao assunto disse o seu César, a matriz da fábrica foi vendida, para um grupo espanhol, até o início dessa semana nos achávamos que nada mudaria, além dos nossos chefes, porém o grupo de espanhóis que visitou a fábrica em segredo, no ultimo final de semana, decidiu por fechá-la e vender o terreno, para uma construtora, todos nós seremos despedidos, cada um receberá aquilo que tem direito sem nenhum problema. Infelizmente, não pude convencer os novos donos do valor de cada um.

Quando o seu César se calou, havia um silencio mais que desconcertante no auditório, e logo em seguida começou um falatório ensurdecedor. Meus pensamentos fugiram dali. Meu coração se apertou. As lágrimas caíram e eu precisava fugir. No caminho até o meu carro, eu só pensava em como manteria o tratamento da minha mãe que estava muito doente. Eu tinha um plano de saúde para ela pela empresa, que era descontado do meu salário, mas era um pequeno valor. E agora o que eu poderia fazer?

Arrumar outro emprego que me pagasse tão bem, Que desse um plano expansível, para a minha mãe. Que eu pudesse sair durante a semana mais cedo para levá-la ao medico, seria quase impossível. Senti uma dor no estomago. Afinal a vida toda tinha sido eu e minha mãe. Ela sempre fez de tudo por mim, estava na hora de eu retribuir. Cheguei exausta. Dei um beijo em minha mãe que felizmente estava adormecida. Clara sua enfermeira e minha atual melhor amiga, me perguntou se eu

estava bem e eu apenas balancei a cabeça em sinal positivo.

Tranquei-me no meu quarto, só consegui pensar em como conseguir um novo emprego e rápido, teria que vender o carro para pagar o plano pelos próximos meses.

Adormeci convencida que eu conseguiria fazer tudo da certo.

Quando o relógio tocou às sete da manhã, eu já estava pronta para o trabalho. Tomei um rápido gole de café e saí.

Ao chegar a fábrica, fui direto para a sala do meu chefe. Tinha que pedir desculpas, por ter ido embora, sem ao menos lhe comunicar. Quando abri a sala, ele estava sentado em sua mesa com um copo de vodca nas mãos. Pelo seu rosto ele tinha passado a noite lá. Quando ele me viu, sorriu gentilmente, como sempre o fazia.

-Gostaria de me desculpar por ontem.

-Não tem porque se desculpar Ana. Você é a melhor secretária que tive em anos, eu deveria ter falado que a situação estava muito ruim. Sei que você, como muitos outros, precisam desse emprego, então eu que deveria me desculpar. Meus olhos se encheram de água. Desde meu primeiro dia aquele homem tinha sido mais que chefe, ele era um amigo.

Ele levantou me abraçou.

Ficamos ali lembrando bons momentos...

Meia hora depois eu estava em minha mesa, ainda sem acreditar que eu não fazia mais parte daquilo.

Meu telefone tocou, era do RH. Minha demissão já

estava pronta, e eu poderia recolher minhas coisas e ir embora.

Enquanto me dirigia para casa, resolvi passar em uma revenda de carro, para saber por quanto eu poderia vendê-lo. Parei em um sinal e dei sinal que entraria a direita, quando senti uma batida tão forte que tudo parecia estar em câmera lenta. Senti minha cabeça bater no teto. Eu tinha esquecido, de por o cinto de segurança.

Escutava alguém dizendo “Ela está morta”.

“Chamem os bombeiros”...

Com muita dificuldade abri meus olhos, e quando olhei para lado achei realmente que estava morta.

Um homem lindo estava sentado no banco do carona do meu carro. Perguntou se eu estava bem.

Ele tinha olhos verdes. E uma pele bem morena.

Passou a mão no meu rosto e repetiu à pergunta

“Você está bem?”.

# Capítulo dois

Quando abri os olhos eu estava em uma cama do hospital. Minha cabeça doía um pouco, mas me sentia bem. Quando tentei me levantar senti uma mão quente em minhas costas, um calor tão grande, que percorreu todo o meu corpo. Virei e vi aquele deus grego que estava em meu carro ali ao meu lado.

Ele sorriu.

- Prazer, Marcelo. Está se sentindo bem? Precisa de alguma coisa?

Gaguejando, respondi “Preciso de água”.

Ele prontamente se levantou, e foi até uma mesinha que estava no canto do quarto, pegou uma garrafa e abriu. Trouxe para mim e enquanto me entregava, pude sentir o seu cheiro. Uma mistura amadeirada deliciosa. Nossos dedos se tocaram senti um calor. Há tempos eu tinha esquecido o calor que só um homem assim poderia me provocar.

Bebi a água, tentando disfarçar o calor que me consumia.

Quando acabei, ele me perguntou se eu queria mais, antes que pudesse responder uma médica de cabelos negros entrou no quarto.

- Como você está? Lembra-se de tudo o que aconteceu?

- Algum idiota bateu no meu carro, nesse momento, vi um leve sorriso em seus lábios e seu olhar foi direto para o deus grego.

Ele sorriu.

-Prazer eu sou o idiota que te machucou. Mas fique tranquila eu irei pagar todo o conserto, e todas as despesas médicas.

Um calor de raiva me consumiu. Minha visão ficou negra. Mas é claro que ele iria pagar pelo conserto a culpa foi dele. Como ele se atrevia a falar comigo daquele jeito como se fosse um favor o que ela estava fazendo? Que ódio!

A doutora queria que eu pernoitasse no hospital por uma questão de segurança, mais eu não podia.

Tinha minha mãe em casa. Ela não entenderia e ficaria preocupada comigo, o que não faria nada bem para a sua saúde.

Uma enfermeira, loira, baixinha e bem gordinha entrou. Iria me passar às instruções, do que eu poderia fazer ou não nas próximas vinte e quatro horas. Afinal de contas eu tinha batido a cabeça e deveria no mínimo ficar em repouso.

Enquanto ela me passava às instruções, seus olhos percorriam o deus grego que estava com os seus fixados em mim, a tal ponto de eu me sentir nua.

Assim que toda a parte burocrática terminou, eu estava pronta para ir pra casa. Minha cabeça latejava. Nada que eu não pudesse aguentar.

Marcelo ficou ao meu lado sem falar nada, até chegarmos à saída do hospital. Ele colocou a mão nas minhas costas.

-Vou te deixar em casa. Isso é o mínimo que um idiota como eu pode fazer.

Por mais que eu concordasse com ele, tive vontade de sorrir, e quanto mais eu tentava ficar séria depois da provocação, mais meus lábios se contorciam em uma risada.

- Desculpe eu disse. Estava um pouco brava com o que aconteceu. Eu ia avaliar o meu carro para vender, agora terei que esperar pelo conserto.

Ele abriu a porta do carro pra mim, deu a volta e entrou. Segurou em minha mão e deu um doce beijo, que pareceu percorrer todo meu corpo.

- Ana não se preocupe se a sua intenção era a venda do carro lhe pago o valor de mercado. Desde que me prometa que não vai mais me chamar de idiota, ou se quiser me chamar assim que não seja na minha frente.

Só consegui balançar a cabeça em um sinal de sim. Então comecei a me perguntar, como ela sabia a meu nome. Claro o hospital mexeu em minha bolsa e pegou os meus documentos.

Depois de um longo silencio, eu lhe disse o meu endereço.

-Você não quer ligar para o seu marido ou namorado, para que ele te espere na sua casa?

-Sou solteira e no momento eu estou só, mas minha mãe estará em casa. Ele sabia que eu não era casada. Meus documentos são de solteira. Acho que ele só queria confirmar.

Percorremos o restante do caminho em um silêncio que estava me deixando louca.

Ele parou em frente a minha casa. Desceu abriu minha porta e me deu a mão para me ajudar.

Agradei.

Ele pôs a mão no bolso e puxou um cartão.

- Aqui estão todos os meus contatos, amanhã entro em contato com você para saber como faço para te enviar o cheque com o valor do seu prejuízo.

Olhei rápido o cartão. João Marcelo Assis. Tinha seu celular, e mais dois números e nenhuma identificação além do nome. Uma pontada de curiosidade me bateu. O cartão era de matéria fina. Tinha o cheiro que eu sentia no leito do hospital. Enquanto eu avaliava o cartão e me perguntava quem era o João Marcelo, ele simplesmente, me disse adeus.

# Capítulo três

Passei rápido pelo quarto da minha mãe. Graças a Deus estava tudo escuro. Dei um beijo nela e saí bem rápido, disse a Clara, que eu estava muito cansada.

Resolvi tomar um banho, lavar esse dia. Mas minha cabeça não pensava em outra coisa. Só no deus grego João Marcelo. Que homem era aquele? Tinha um olhar, um sorriso.

Enquanto meus pensamentos fluíam, meus seios enrijeciam. Meu clitóris estava duro de necessidade em ser tocado. Desci minha mão tocando com suavidade cada seio. Gemendo. Desci mais um pouco e com círculos lentos, vi crescer um orgasmo.

Mais tarde deitada em minha cama, só pensava o quanto eu estava precisando ter um homem dentro de mim. Fazia mais de seis meses, desde que terminei com o idiota do Alan. Lindo, porém, fútil. Até agora não consegui perdoá-lo pela traição. Minha cabeça voltou a doer. Resolvi levantar e tomar um remédio. Antes que atravessasse a porta do meu quarto escutei meu celular. Não reconheci o número, mas resolvi atender.

-Oi, sou eu, o Marcelo, estou ligando para saber como você está.

Meu coração acelerou, não sei por quê.

-Oi Marcelo. Estou bem, apenas com uma leve dor de cabeça, mas já vou me deitar. Escutei uma respiração forte, acho que ele pensou que estava incomodando. Mais que de pressa disse: “Eu acabei esquecendo, de perguntar se você se feriu no acidente, e como tudo aconteceu”.

Ouvi novamente um suspiro.

-Tive um dia muito ruim. Estava dirigindo para tentar pensar com mais clareza. Não percebi quando o sinal fechou. Eu estava a mais de cem por hora Só me dei conta do que tinha feito quando o meu carro bateu no seu. Eu não me feri. Saí para ver quem estava dentro do outro carro e quando vi que você bateu a cabeça, fiquei preocupado. E ainda mais depois que você desmaiou. Liguei para o socorro e para o meu seguro solicitando um novo carro, para que eu pudesse te acompanhar até o hospital. Fiquei muito feliz quando a doutora disse que você ficaria bem, que foi apenas um susto. Jamais me perdoaria se tivesse acontecido algo com você.

Senti algo dentro de mim. Não estou acostumada a ter ninguém se preocupando comigo.

Senti o silêncio do outro lado, sabia que tinha quer falar algo.

- Fico feliz em saber que você não se machucou, e obrigada por me ajudar.

Mais alguns segundo em silêncio.

-Durma bem e tente me perdoar por ter te machucado.

Ele desligou. Fiquei ali sentada na beira da cama, pensando em tudo e em nada.

Como posso pensar nessa mulher desse jeito depois do dia que tive hoje?

Não consigo concentrar no que tenho que fazer.

Ela é só mais uma mulher bonita, como todas que um dia, eu tive em minha cama.

Mas ela era diferente. Que olhos azuis lindos.

Cabelos negros como a noite. Uma pele suave e tão branca. E quando sorria, ficava ainda mais bela.

Tinha um ar de inocência e de tristeza que me fascinou. E ainda é solteira. Ela parece uma

menina. Pare com isso Marcelo. Vá dormir. Você precisa acordar com a cabeça no lugar, para

resolver tudo amanhã.

Clara estava na cozinha, preparando o café da minha mãe.

-Bom dia. Como você está Ana? E mais uma vez, menti.

- Bem. Disse com um falso sorriso em meu rosto.

Minha mãe tem problemas sérios de coração. Ela necessita de atenção vinte e quatro horas por dia.

Não posso deixar que soubesse dos meus problemas. Eu tenho que resolver de alguma forma.

Já passava das oito quando o meu celular tocou, era ele.

-Oi, você dormiu bem? A cabeça melhorou? Posso passar aí para conversarmos?

Ele tinha um hábito estranho de fazer várias perguntas ao mesmo tempo.

-Sim. Dormi bem obrigada. A dor passou. E você pode me pegar a hora que for mais conveniente para você. Novamente ele ficou em silêncio,

- Te pego ao meio dia em ponto. Podemos almoçar e conversar em algum lugar tranquilo.

-Sim. Até mais tarde.

Ao meio dia em ponto eu saí. Vi aquele deus grego em pé parado ao lado do carro. Estava com uma calça jeans, um blusão branco de manga longa enrolada até o braço. Sorriu quando me viu. Pegou minha mão e deu um beijo.

-Como você está? E aonde eu gostaria de comer?

-Por que você sempre faz mais de uma pergunta por vez?

Ele riu sem graça.

- Faço isso toda vez que estou nervoso.

-Fique tranquilo. Não mordo.

-Bom saber disso. Disse rindo. Conheço um ótimo restaurante, se você não se importar que eu escolha.

-Fique a vontade.

Fomos até lá, conversando sobre várias coisas. Ele queria saber com quem eu morava. O que eu fazia. E assim por diante.

Ao chegarmos ao restaurante, o *maitre*, abriu a porta com um grande sorriso amarelo, do tipo que só fumantes tem.

- Seu Marcelo. Há quanto tempo. Mesa pra dois?  
-ando um pouco ocupado Rodriguez. Uma mesa mais reservada, por favor.

Ele puxou minha cadeira. Enquanto eu me sentava, observei pelo canto dos olhos como o *maitre* me olhava. Era como se eu fosse um bicho em extinção.

- A carta de vinhos?

-não. Estou dirigindo e a minha linda acompanhante ainda não pode beber.

-Posso trazer agua e suco?

-Sim, por favor. Após o pedido ele ficou quieto em olhando.

Senti que se eu não quebrasse o gelo esse almoço não renderia como o esperado e por mais que adorasse a companhia desse homem nesse momento, precisava me concentrar em um novo emprego.

-O lugar é muito bom, eu disse. Ele sorriu.

- A comida é ótima e sempre que posso venho comer o filé-mignon ao molho de gorgonzola

-Hum, me deu água na boca só de pensar!

-Você gostaria de experimentar?

- Claro.

Ele chamou o garçom e fez o pedido.

E enquanto eu aguardava ansiosa pela refeição, vi que ele estava com um olhar distante. Resolvi pedir desculpas mais uma vez por telo chamado de idiota. Ele riu. Pegou minha mão.

-Ana não se preocupe com isso. Só um idiota mesmo, bate em um carro, que está parado no sinal. Assim que terminamos a nossa deliciosa refeição, passamos para os negócios. Deu-me um cheque no valor de trinta mil reais, duas vezes o valor do carro. Por mais que neste momento eu esteja precisando, eu jamais aceitaria receber um centavo a mais do que me era de direito. Tive uma criação rígida por demais.

Tentei dizer o mais calmamente possível que ele tinha errado no valor. O carro vale metade. Mesmo sem ir avaliá-lo com mais cuidado, fiz uma pesquisa rápida pela internet, antes do nosso almoço, e sei que pela marca e pelo ano que não chegaria a esse valor.

Ele se encostou calmante enquanto me olhava.

- Porque você disse que precisava do dinheiro, se agora o está recusando?

Mais uma vez tive raiva dele e acabei dizendo mais do que eu devia.

- Preciso do dinheiro sim. Um grupo estrangeiro resolveu comprar a empresa na qual eu trabalhava e pôr todos na rua. Tenho uma mãe com sérios problemas cardíacos, no qual dependia do plano desta empresa. Mas não estou venda, e nem sou nenhum tipo de ladra. Quero o valor do conserto e nada mais. Mande o meu carro para oficina e assim que ele estiver pronto, me ligue e vou pegá-lo. Enquanto eu falava, ele não demonstrou nenhum tipo de emoção. Nada sequer uma mexida na cadeira.

Agradei pelo almoço e quando ia me levantando senti sua mão quente em mim.

- Perdoe não quis te ofender, só achei se te desse um valor maior, esse almoço poderia terminar em um lugar mais aconchegante.

Senti meu rosto queimar de tanto ódio. Ele estava achando que eu era algum tipo de prostituta?

Peguei o café que estava na minha frente e joguei na cara dele. Antes que pudesse ver sua reação saí do restaurante.

# Capítulo quatro

Faz cinco dias, que vi e falei com o cretino do Marcelo. Ele devia estar acostumado a fazer esse tipo de coisa com outras mulheres. Mesmo sentindo muita raiva não consigo parar de pensar nele.

Eu sabia que o meu carro estava sendo consertado, pois entraram em contato comigo informando que em sete dias eu o teria de volta novo em folha.

Eu saía todos os dias como se fosse trabalhar, para que minha mãe nem suspeitasse do que estava acontecendo. Andava e ia a várias empresas deixar meu currículo. As respostas eram quase sempre as mesmas. Não temos vagas no momento. Assim que aparecer algo te ligamos. Seu último salário era muito alto a empresa não pode pagar isso. Você é muito qualificada para o cargo. Essa pra mim era a pior resposta de todas. Se estudar, sou qualificada demais. Se não estudo, eu não tenho qualificação. Aquilo já estava me deixando frustrada.

A semana passou voada. Já era sexta-feira quando lembrei, que a Japa que trabalhava comigo ia se casar, como um filho de um rico da região de Teresópolis. Por mais que eu estivesse exausta, eu precisava me distrair e também eu gostava mundo da Joana, quando cheguei à empresa ela foi a

primeira pessoa que me recebeu com um sorriso. Ela era um doce de menina e merecia tudo que estava acontecendo com ela.

Apesar da família do noivo, ser de Teresópolis. Eles iriam se casar em Petrópolis na catedral, onde era o sonho de Joana.

A cerimônia na igreja foi linda e perfeita. Um verdadeiro conto de fadas. Não que eu acredite que esse tal conto exista, mas não podia negar o encanto de tudo.

Após a cerimônia, fomos para uma casa de festa luxuosa, onde os noivos receberam os amigos e familiares.

A casa de festa estava toda decorada de branco. Porém as mesas e as cadeiras tinham vários arranjos de orquídeas de varias cores.

Todos estavam lindos. As mulheres em seus longos e os homens de terno. Há muito tempo eu não ia a eventos que precisasse de tanta cerimônia. O último foi nas bodas do meu chefe, há uns dois anos. Eu vestia um longo azul, com uma echarpe. Preferi por prender meus longos cabelos negros. Queria sentir que estava linda. Apagar o que aconteceu nesses últimos dias e quem sabe conhecer alguém, por apenas uma noite.

Enquanto caminhava pela festa percebi um olhar que me cercava. Ao procurar com mais cuidado o vi. Ele estava simplesmente divino de terno preto gravata azul exatamente do tom dos meus olhos. Com um olhar único, segurou uma taça de champanhe e levantou me cumprimentando. Senti meu rosto corar, de raiva e por tudo o que ele tinha

me feito, e por um desejo que eu não conseguia explicar. Pensei nele em cada segundo dos últimos dias. Não conseguia entender como ele podia me atingir desse jeito. Sempre fui muito pratica. Aprendi desde cedo que homens só querem uma única coisa. Sexo e mais nada. Então era desse jeito que os tratava. Uma relação de sexo. Às vezes eu ate namorava, mas nunca senti esse amor que muitos descrevem. Essa necessidade de ver, ou ligar para o outro a cada minuto. Mas desde que vi o Marcelo pela primeira vez, meus pensamentos eram dele.

Um garçom me ofereceu uma taça de champanhe. Peguei o mais rápido que pude. Tentei sumir entre as dezenas de convidados. Só queria ficar o mais longe dele o possível. Eu sabia que ele era um cretino, então seria melhor me afastar.

Já estava na minha quarta taça, quando senti uma mão entorno de mim e antes de me virar eu sabia que era ele. Um calor subiu pelo meu corpo deixando meu rosto vermelho. Respirei fundo, antes de virar. Ele sorriu.

- Boa noite. Você é amiga da noiva ou do noivo? Não acreditei na tamanha cara de pau dele. Depois do nosso ultimo encontro achei que ele nunca mais se atreveria a falar comigo. Mais uma vez respirei fundo e respondi. Sou amiga da noiva por quê?